



proto-história e romanização

guerreiros e colonizadores

Este volume contém os textos das comunicações apresentadas à sessão “Guerreiros e Camponeses: Quem procurar?”, dedicada à Proto-história e Romanização.

O título sugere bem o problema arqueológico com que esta região se defronta hoje. Se o Vale do Côa apresenta o mais importante conjunto de arte rupestre proto-histórica da Península Ibérica, o conhecimento desta arte não é acompanhado por um reconhecimento das populações que a produziram e vivenciaram.

A leitura deste volume dá-nos uma perspectiva abrangente de guerreiros e camponeses, em volta da arte rupestre do Vale do Côa. Continuamos, contudo, a saber mais dos guerreiros do que dos camponeses, mais da arte do que dos artistas, e mais dos invasores do que dos invadidos.

03

proto-história e romanização

guerreiros e colonizadores

III congresso de arqueologia

trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

entidades organizadoras do congresso:



Centro Nacional de Arte Rupestre



Parque
Arqueológico
Vale do Côa

entidades financiadoras da edição:



COMISSÃO DE
COORDENAÇÃO DA
REGIÃO CENTRO



PROGRAMA
OPERACIONAL
DA REGIÃO CENTRO



Governo da
República Portuguesa



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



Pinhel, 17 de Maio de 2006

03

proto-história e romanização

guerreiros e
colonizadores

III congresso de arqueologia

trás-os-montes,
alto douro
e beira interior

actas das sessões

índice

- 4 **prefácio**
António Ruas
- 5 **introdução**
Luís Luís e António do Nascimento Sá Coixão
- 8 acta 1
Muralhas e Guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal
Francisco Sande Lemos e Gonçalo Cruz
- 29 acta 2
Proto-história e romanização do Baixo Côa: novos contributos para a sua caracterização
António do Nascimento Sá Coixão
- 56 acta 3
Cidadelhe e a Proto-história e a Romanização de Médio Côa
Manuel Sabino G. Perestrelo
- 72 acta 4
Proto-história e Romanização entre o Côa e o Águeda
Susana Rodrigues Cosme
- 81 acta 5
A villa romana do Prado Galego. Breves notas sobre a campanha de 2006
Maria Pilar dos Reis e Fernando Santos
- 85 acta 6
Proto-história e romanização no monte de Sra. do Castelo, Urros, Torre de Moncorvo: análise de materiais
Carla Maria Braz Martins

ficha técnica

Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Título

Actas do III.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior

Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António Sá Coixão

Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, André Tomás Santos, António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Luís Luís

Coordenação Científica da Sessão

António Sá Coixão, Luís Luís

Coordenação da Publicação

Luís Luís

Autores

António Ruas, António Sá Coixão, Carla Maria Braz Martins, Fernando Santos, Francisco Sande Lemos, Gonçalo Cruz, Luís Luís, Manuel Sabino G. Perestrelo, Maria Pilar dos Reis, Susana Rodrigues Cosme

Gestão Editorial

Setepés.Arte

Revisão de Textos

Luís Luís e autores

Design

Gina Ferreira

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-3-4

Depósito Legal**Tiragem**

1000 Exemplares

Resumo

Até há cerca de 3 décadas, toda a região do Baixo Côa era praticamente desconhecida quanto ao seu potencial arqueológico, ressaltando-se as referências à *Civitas Aravorum* (Marialva, Meda) e Torre de Almofala (Figueira de Castelo Rodrigo).

Graças a estudos sistemáticos por parte de alguns investigadores, hoje conhece-se já bastante das ocupações pré-históricas e históricas nas áreas dos concelhos de Meda, Foz Côa, Pinhel e Figueira de Castelo Rodrigo.

Se para a Pré-história antiga e recente possuímos nichos de investigação como o Vale do Côa (Paleolítico), Prazo, Freixo de Numão (Mesolítico e Neolítico), Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento (Horta do Douro) com ocupação do Calcolítico e Bronze, para a Proto-História existe ainda um grande vazio se bem que estejam já inventariados alguns prováveis povoados...

Antes do mais uma justificação para o título deste artigo. Não sendo fácil definir, geograficamente, micro-regiões, acho no entanto que a área onde efectuo investigação arqueológica há mais de duas décadas, se enquadrará perfeitamente naquilo a que muitos se habituaram a chamar de Baixo Côa. Não apenas o território inter-margens mas, e sobretudo, o território que abarca os concelhos que do Côa se apropriaram: Vila Nova de Foz Côa, Meda, Figueira de Castelo Rodrigo e parte norte do concelho de Pinhel.

Marcantes na paisagem são sem dúvida os rios Côa e Douro. Correndo em vales profundos, atravessando zonas graníticas e xistosas, eles dão o mote a uma ocupação ultramilénária, variando, segundo as épocas pré-histórica e histórica, os produtos de atracção e, ou, sobrevivência: a pesca, a recollecção e a caça no Paleolítico, Mesolítico e Neolítico Antigo; a pastorícia, a caça e o cultivo de cereais (gramíneas) no Neolítico Final, Calcolítico, Bronze e mesmo Idade do Ferro (que percorre no tempo mais de três milénios).

Em todos os tempos, em todas as épocas, os artistas do Paleolítico e os seus sucessivos descendentes possuíram estas terras, formaram tribos, urdiram manhas, teceram leis, aprenderam a viver em comunidade. O acidentado dos terrenos que formavam os seus territórios, garantiu-lhes defesa, criou-lhes um clima psíquico de segurança, não necessitando talvez de terem uma preocupação tenaz de povoarem os “picos” agrestes. Daí o enigma que hoje envolve a investigação quando se trata de estudar a trama povoadora desta região durante todo o percurso de Pré e Proto-História.

E se vestígios há, nos pontos mais elevados, eles apresentam-nos datações que vão do III aos inícios do I milénio antes de Cristo (Calcolítico e Idade do Bronze). E o que foram estes sítios (alguns já estudados, outros em fase de estudo)? Povoados fortificados ou, segundo alguns investigadores, sítios rituais (Jorge e Jorge, 2005)? E se são locais de culto, de rituais sazonais, onde viviam afinal os povoadores da Pré-História recente? Nas planuras (casos do sítio da Raza, Horta do Douro e Quinta do Campo, Coriscada), nos pequenos esporões, em pequenas elevações? Se esta dúvida se mantiver forte, então estaremos ainda nos primórdios de uma investigação!

E os homens e as mulheres do I milénio a. C. (1^a e 2^a Idades do Ferro) onde viviam afinal? Não nos morros mais elevados onde haviam permanecido (temporariamente?) os seus avós, mas em locais mais próximos das planuras ou dos rios e riachos. Daí a grande dificuldade de os investigadores detectarem os amuralhados característicos dos castros do Noroeste ou das terras transmontanas. A realidade da ocupação na Idade do Ferro é, nesta zona de entre o Douro e o Côa, diferente de outras realidades. E é a partir daí que devemos encaixar os nossos conhecimentos, sem estabelecer medidas “v”.

acta 2

Proto-história e romanização do Baixo Côa: Novos contributos para a sua caracterização

António do Nascimento Sá Coixão

(Arqueólogo, Mestre em Arqueologia,

Director do Museu da Casa Grande. E-mail:

freixo.acdr@clix.pt)

Introdução

Mais nítidos mas não menos problemáticos são os vestígios de romanização. É que são mesmo muitos e muito próximos uns dos outros. Castros romanizados apenas se conhecem, porque já foram objecto de investigação, o Castro de S. Jurge em Ranhados (Meda), o Castelo de Numão, a zona do Castelo na área urbana de Freixo de Numão (estes no concelho de Vila Nova de Foz Côa). Não quer isto dizer que, noutro conceito e interpretação de sítios (ver em capítulo próprio), eles não existam às dezenas!

Quanto às *civitates*, poderemos afirmar que no território do Baixo Côa existiram três: *Civitas Cobelcorum* (Torre de Almofala, Figueira de Castelo Rodrigo); *Civitas Aravorum* (Devesa, Marialva, Meda) e *Civitas dos Meidubrigenses* (Freixo de Numão ou Numão, Vila Nova de Foz Côa); *Vici*, estamos certos que existiram bastantes, bem como *villae*, herdades ou casais. Que motivações para uma ocupação tão densa e intensa nos primeiros quatro séculos da nossa era? Abordarei este tema em capítulo próprio.

Mas a vida e uma dinâmica forte continuou nestas terras para além e depois do Império Romano. Basta verificarmos que mais de uma dúzia de concelhos existiram, e permaneceram autónomos até pelo menos 1836! (isto nas áreas que hoje compõem os concelhos de Vila Nova de Foz Côa e Meda). Mais uma vez a mesma pergunta, que esperamos os medievalistas nos ajudem a responder: que motivações?

A Proto-História

Dos sítios já parcialmente investigados (através de prospecção, sondagem ou escavação) na zona do Baixo Côa, não são muitos aqueles que poderemos apelidar de “Castros”. Um topónimo muito utilizado e que se manteve praticamente até aos nossos dias é o de Castelo Velho. Mas tanto pode indicar um sítio com vestígios de ocupação no Calcolítico e Idade do Bronze (Castelo Velho de Freixo de Numão, Castelo Velho de Mós) ou com ocupação na Pré-História Recente e Proto-História (Castelo Velho ou Castro de S. Jurge, Ranhados ou Castelo Velho de Meda) ou com ocupação no Bronze Final e durante as 1ª e 2ª Idades do Ferro (Castelo Velho de Chãs, Castelo Velho de Seixas, Castelo Velho do Monte Meão).

Muitos mais sítios terão existido com o topónimo de Castelo Velho, só que posteriormente, com a edificação nesses lugares de ermidas dedicadas a este ou àquele Santo, fez desaparecer (ou quase) o anterior nome, tomando o do orago. Está neste caso o Alto de Santa Bárbara em Mós do Douro. No entanto se o alto deixou de o ser, a zona continuou a ser chamada de Castelo Velho. Também o Castelo Velho de Ranhados deu lugar, no topónimo, a S. Jurge, em louvor e graças ao Santo que ali viu construída a sua Capela (hoje já desaparecida). Não nesta região mas perto de S. João da Pesqueira, o Castelo Velho deu lugar ao topónimo S. Salvador do Mundo. Felizmente existia e existe uma fonte nas fraldas do monte, que o povo continuou a chamar de “fonte do Castelo Velho”!

Um outro topónimo abundante, essencialmente nos concelhos de Vila Nova de Foz Côa e Meda é o de Castelo, podendo também aparecer como Castelos (casos dos Castelos de Seixas do Douro, Castelos de Marialva ou Castelos de Santa Comba). Com o topónimo Castelo temos ruas ou zonas em plenas áreas urbanas de actuais freguesias do concelho de Foz Côa: Castelo em Freixo de Numão, em Mós, em Seixas, em Sebadelhe, em Cedovim, em Numão, em Muxagata, em Castelo Melhor e em Vila Nova de Foz Côa. Se em Numão e em Castelo Melhor correspondem a Castelos Medievais, nas outras freguesias não há conhecimento de terem existido fortificações que depois tivessem desaparecido.

Este fenómeno não passou despercebido a historiadores das décadas de 50 e 60 do século XX. João Pinto Ferreira (natural de Freixo de Numão) justificava este topónimo em várias freguesias por ele estudadas para a publicação do livro “o antigo concelho de Freixo de Numão”, como sendo um hábito enraizado nestas gentes, de chamarem ao sítio mais elevado

da sua aldeia “Castelo”! Uma explicação simplista mas que agradava a todos aqueles que não teriam muito tempo nem jeito para pesquisar com base em dados ou fontes arqueológicas. O autor deste artigo, na sua obra “Carta Arqueológica do concelho de Vila Nova de Foz Côa” aborda esta problemática numa outra perspectiva. Ele acha que esses sítios denominados de Castelo foram antigos “Castros” ou povoados Proto-Históricos, depois romanizados. É que, além de vestígios de materiais da Idade do Ferro, também são frequentes os vestígios de materiais do período de ocupação romana. Teremos assim, em parte, resolvida a problemática que se prende com a falta de povoados do ferro nesta região.

Escavações arqueológicas efectuadas no Castelo de Numão por um grupo de arqueólogos do GEHVID (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), na zona da Capela de S. Pedro (extramuros) permitiram a exumação de materiais cerâmicos que cruzam o horizonte cronológico do Calcolítico à Idade do Ferro, continuando a presença humana na romanização e Alta e Baixa Idade Média.

Na Vila de Freixo de Numão, onde existe investigação arqueológica sistemática há mais de duas décadas, têm sido exumados materiais que poderão ir do Paleolítico até aos nossos dias. Em escavações de emergência no átrio da “Casa do Moutinho” (hoje imóvel com serviços de museologia associados ao Museu da Casa Grande) foram exumados restos em diversos níveis ou estratos: estratos mais profundos apenas com materiais líticos (Paleolítico ou Mesolítico) até a estratos com restos cerâmicos associados ao Neolítico, Calcolítico, Bronze, Ferro época romana, Idade Média, Idade Moderna (em grande quantidade) e época contemporânea.

Na zona do Castelo em Vila Nova de Foz Côa, mais precisamente num chão a que chamam o Paço, uma placa de xisto gravada, recentemente descoberta, indica ali a presença do homem do Ferro. Mas também imensos restos de materiais de construção da época romana completa o ciclo de ocupação daquele espaço.

Os sítios com nítida ocupação na Proto-História que mais materiais forneceram, até hoje, foram os de Castelo Velho de Seixas e Castro de S. Jurge (Ranhados). No primeiro, trabalhos de construção da barragem do Catapereiro (na ribeira Teja) destruíram grande parte do povoado e deixaram espalhados nos terrenos removidos camadas de terra negra e milhares de fragmentos cerâmicos ou objectos líticos. No Castro de S. Jurge, também em obras de construção da Barragem no Rio Torto, destruíram parte do Castro mas, essencialmente, toda a ocupação romana que se estendia pela base do monte e ao longo da margem direita em direcção à aldeia de Ranhados.

Os dois sítios são semelhantes, pois localizam-se em morros não muito elevados e quase em contacto com a linha de água (rio Torto no caso do Castro de S. Jurge, ribeira Teja no caso do Castelo Velho de Seixas).

Outros dois sítios apresentam nítidos vestígios da ocupação durante a Idade do Ferro: o Castelo de Cidadelhe onde Sabino Perestrelo já fez uma intervenção e o sítio da Capela de Santo André, em Almofala, onde além de diversos materiais, a presença de dois berrões indiciam-nos uma pujança ocupacional durante a 2ª Idade do Ferro, continuada depois na época romana.

Um sinal de que a zona do Baixo Côa não era terra ermada durante a Proto-História, existe nas rochas de xisto grauváquico nas margens do rio Côa. E terão existido (e existem, debaixo de água) ao longo das margens do rio Douro, antes de amansado pelas barragens. Lá, bonitas e esbeltas figuras de guerreiros, cavaleiros, lanças, plumas ou matilhas de cães, encontram-se gravadas a traço fino mas perene. Os gravadores e artistas da Idade do Ferro não eram fantasmas mas seres humanos que tinham o seu habitat nas cotas mais elevadas ou médias das margens daqueles dois rios (Côa e Douro).

Onde continuar a procurar, portanto, os restos que atestem a vivência do homem do I milénio a. C.? Em muitos lugares, em muitos cerros ou planaltos, mas, também, nas zonas urbanas de muitas das nossas aldeias. Ali, os homens de hoje são os descendentes legítimos e directos dos guerreiros (ou dos agricultores e pastores) da já longínqua Idade do Ferro. Claro que não é fácil, há sempre as dificuldades inerentes a uma investigação em áreas urbanas, sendo talvez por isso um trabalho mais atraente... difícil, mas possível.

Quem foi, afinal, o anfitrião do Côa durante a Proto-História? No III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, realizado em Maio de 2006, a sessão 3, realizada na cidade de Pinhel em 17 de Maio, tinha como tema: “Guerreiros e Camponeses. Quem Procurar?” A resposta não foi encontrada nem talvez algum dia o seja. António Martinho Baptista, com base na iconografia das rochas do Côa, defenderia certamente uma tendência guerreira. Sá Coixão, por exemplo, habituado a desenterrar nos altos e planuras materiais associados à pastorícia, à moagem, e cultivo das terras defenderia, por seu lado, o protótipo do homem camponês em terras do Côa no dealbar da invasão dos homens vindos da Península Itálica.

Olhando o Quadro I, onde se apresenta a cronologia de ocupação de alguns sítios já inventariados ou estudados no Baixo Côa, ressalta a curiosidade de os sítios com vestígios do Ferro terem também vestígios de ocupações anteriores (Bronze ou mesmo Calcolítico). Francisco Sande Lemos defende que “a continuidade entre as ocupações da Idade do Bronze e da Idade do Ferro é aparente, reflectindo tão somente a escolha dos mesmos locais para o assentamento de povoados fortificados” (1993: 160-249). Pela nossa parte, com as experiências adquiridas no terreno, não teremos tanto a certeza quanto a esta descontinuidade pois, por vezes, torna-se difícil (senão mesmo impossível) estabelecer fronteiras entre o momento em que um vaso de asas e mamilos deixa de ser usado, dando lugar a um vaso brunido. As técnicas, os modelos, os novos materiais e objectos vão sendo introduzidos nas comunidades (e por elas adoptados) sem produção de cortes ou fronteiras. Para nós, investigadores, é que se torna importante o registo ou achados desses materiais que nos permitem atingir balizas cronológicas. Seja como for, a conclusão mais céptica (mas ao mesmo tempo também optimista) é a de que estamos ainda a dar os primeiros passos no estudo da ocupação do homem Proto-Histórico na região do Baixo Côa. O que interessa, sobretudo, é continuar a investigação mas provocar também a discussão.

A Romanização

Se não podemos falar em “Cultura Castreja” adaptada à região do Baixo Côa, é certo no entanto que, talvez com um modelo próprio, os habitantes da Proto-História aqui continuaram a assentar arraiais.

Francisco Sande Lemos, na sua obra sobre o Povoamento Romano de Trás-os-Montes oriental, fala, quando aborda a “Terra Fria” e a “Terra Quente”, numa “diversidade de materializações do povoamento à romana e persistências do mundo castrejo bem como a noção clara de que não se pode acreditar em modelos, sobretudo em face de realidades regionais distintas” (1993: 366). Segundo ele, o invasor latino (romanos) traz a estas terras duas novidades que dinamizaram a economia da época: “um novo modo de fazer agricultura” e a “redimensionação da actividade mineira” (Lemos, 1993: 451). Sá Coixão partilha da mesma ideia e sustenta a forte ocupação romana registada na região nessas duas premissas.

Na região que estudamos (Baixo Côa) teriam existido no período romano três (senão mesmo quatro *civitates*). Junto à margem esquerda do Douro e para Oeste do rio Côa, a *Civitas dos Meidubrigenses*, abrangendo grande parte do actual concelho de Vila Nova de Foz Côa; no sítio da Devesa (Marialva, Meda) a *Civitas Aravorum*; na Torre de Almofala (Almofala, Figueira

de Castelo Rodrigo) a *Civitas Cobelcorum*.

Segundo Jorge de Alarcão (Alarcão, 2005: 15) “uma inscrição hoje na frontaria da Capela de Santo Cristo, em Barca d’Alva, possivelmente procedente de Olival dos Telhões (Curado, 1985; Coixão e Encarnação, 1998: 82), regista um *Cobelcus*, isto é, um natural da *Civitas Cobelcorum*, que tinha sede em Almofala : deveremos deduzir que *Caliabriga* já não ficava no *territorium* da *Civitas Cobelcorum*? Não se nos afigura impossível que houvesse, entre a serra da Marofa e os rios Côa, Douro e Águeda, uma outra *Civitas* ainda não identificada e distinta das dos *Cobelci*, *Aravi* e *Meidubrigenses*. A fronteira entre *Meidubrigenses* e *Aravi* poderia passar algures pelas imediações de Fontelonga e pela ribeira dos Piscos (que acorre ao Côa)” (Alarcão, 2005: 15).

De notar, segundo o registo citado nesse artigo do Professor Jorge de Alarcão, que a linha que ele traça (Fontelonga e Ribeira dos Piscos até ao Côa), era precisamente a linha de fronteira do concelho de Numão, citada no foral dado àquela localidade em 1130.

Não havendo hoje quaisquer dúvidas quanto à localização da capital dos *Aravi* (Devesa, Marialva, Meda) nem quanto à da *Civitas Cobelcorum* (Torre de Almofala), a localização exacta da *Civitas* dos *Meidubrigenses* não é possível, para já, defini-la. Se a área urbana da Vila de Freixo de Numão (parte antiga ou centro histórico) assenta toda ela sobre estruturas de casas romanas, abrangendo alguns hectares (!), igualmente na área urbana da aldeia de Numão são quase contínuos os vestígios, além de algumas inscrições rupestres no seu termo, de uma ara votiva “que dedica um voto de Tito Cláudio Sanécio, cavaleiro da III corte dos Lusitanos, por mérito e de boa vontade, aos deuses e deusas de Coniumbriga” (Coixão e Encarnação, 1998). Enquanto não forem registados elementos (sobretudo epigráficos) as localidades de Freixo de Numão e Numão poderão repartir entre si a possibilidade de terem albergado a capital dos *Meidubrigenses*.

A área do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo é para nós a mais desconhecida, em termos de registos “*in situ*” e visitas aos sítios citados por outros investigadores. Segundo Carlos Alberto Brochado de Almeida (2006: 243-246), “no presente momento, apenas podemos afirmar que os elementos disponíveis nos remetem, sobretudo, para (...) uma área que nos leva de ocidente para leste, desde a Quinta de Pêro Martins, a Figueira de Castelo Rodrigo, finalizando em Almofala. É nesta parcela do concelho que os autores consultados colocam algumas estações arqueológicas, capazes de sustentarem o interesse ocupacional em época antiga nesta extrema sul do rio Douro, caso assim seja entendido”.

Assim, nos limites norte de Figueira de Castelo Rodrigo, possuímos notas sobre duas ocupações romanas: uma na Quinta da Pedriga, a sul de Barca d’Alva, com referência apenas a algumas moedas (Hipólito, 1960-61: 57) e outra no Vale Tedão, onde se detectaram cerâmicas e material de construção (Maia, 1977: 213). Ambos os sítios se integram na freguesia de Escalhão.

Será preciso percorrer vários quilómetros para sul para depararmos com novos elementos. Ao longo do rio Côa surgem, de facto, uma série de estações. No Olival de S. Paulo (Quinta de Pêro Martins), há vestígios de cerâmicas romanas. Um pouco mais a sudoeste, junto ao rio em Farelos, novamente se faz notícia de cerâmicas romanas, juntando-se-lhes, um pouco mais a sul, novos vestígios do mesmo tipo em Telhões (Vale da Cal). Continuando a seguir o curso do rio Côa, voltam a surgir vestígios de *tegula* na Quinta da Póvoa e casa do Florindo (Maia, 1977: 210-211).

A cerca de 8 km para nascente situa-se a serra da Marofa. Na capela da Senhora da Marofa há uma inscrição da época romana (Cabral, 1961: 650-651), dando ainda o mesmo autor nota da existência de outros vestígios tais como mosaicos, cerâmica e moedas em Castelo Rodrigo, assinalando-se também aí vestígios de muralha romana (Cabral, 1961: 375-376).

Voltando à serra da Marofa, referencia-se aí um castro que teria sido romanizado. O interesse desse povoado teria sido substituído pela área de Castelo Rodrigo onde, a confirmar a nota anterior, o mesmo autor dá notícia de moedas, mosaicos e materiais de construção. No convento de Santa Maria de Aguiar terá surgido uma ara (Curado, 1985: 651-652). Celebrizada em vários artigos é a Torre de Almofala. Também conhecida por “Casarão da Torre”, durante muito tempo foi tida como vestígios de um antigo Templo romano (Rodrigues, 1965: 433).

A sul da Torre de Almofala, na freguesia do mesmo nome foram referenciados (Maia, 1977: 211-213) em Cabeço da Recta e no Cabeço da Prata vestígios de cerâmicas romanas. Acrescenta-se ainda a inscrição da Capela de Santo André Apóstolo (Almofala), que proviria de uma necrópole próxima (Almeida e Ferreira, 1966: 15-17) e à qual se somariam um touro e um berrão.

O único elemento de interesse referido para a zona meridional (Maia, 1977: 210) é São Marcos da Palumbeira (cinco vilas) com cerâmicas romanas.

Como vimos, o conjunto de vestígios citados é muito parco para podermos, como fizemos em torno da *Civitas Aravorum* (Marialva) e Freixo de Numão (provável capital da *civitas dos Meidubrigenses*), definir modelos e estruturas. Certamente que um estudo minucioso, através de batidas de campo sistemáticas, num raio de alguns quilómetros da “Torre de Almofala” (sede da *Civitas Cobelcorum*), nos levará a referenciar muitos mais sítios com vestígios de ocupação romana. É uma tarefa que o autor deste artigo tem em mãos e conta fazer em breve. Mas se junto ao Douro e Côa terá existido a tal quarta cidade que cita o Professor Jorge de Alarcão, ela terá sido certamente a *Calabriga* ou Calábria, cujo território não terá sido muito abrangente (!?). Também cremos que, a localizar-se no termo da Vila de Almendra, esta *civitas* não se localizaria no “monte do Castelo” mas numa zona mais plana, talvez nas fraldas e no sítio que tem sido intervencionado por Susana Cosme, denominado Olival dos Telhões. Não é de excluir a sua localização mesmo no perímetro urbano da vila de Almendra. Uma intervenção de emergência de Sá Coixão (2003-2004) no Adro da Igreja (lado norte), com abertura de uma vala para esgotos de águas pluviais, além de várias sepulturas tardo-medievais, foram registadas valas (antigos caboucos) e muitos materiais da época romana. Em artigo publicado o autor cita : “... já há alguns anos, em recolhas de superfície na área a norte da Igreja Matriz de Almendra, mais precisamente na denominada “Quinta do Andrade”, o signatário efectuou recolhas e inventariou o sítio como estação arqueológica romana” (Coixão, 2004a: 75-82).

E continua: “na vala escavada (acção de emergência do ano de 2004) foram efectuadas recolhas de cerâmicas romanas (comuns, finas e sigilatas) e ainda duas moedas do século IV d. C. No denominado corte A-B (fig. 8) são bem visíveis dois níveis anteriores aos enterramentos, níveis onde foram registados e exumados os já citados materiais (espólio) do período de ocupação romana...” (Coixão, 2004a: 75-82).

Será necessário, também aqui, nos terrenos envolventes da Igreja de Almendra, proceder a sondagens para verificarmos se se trata de vestígios de uma villa ou de outro conjunto maior (*civitas* ou *vicus*).

Mais bem estudada, ou pelo menos melhor estudada que a área do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, será a do concelho de Meda. Sá Coixão (2004b) lança uma primeira análise sobre os trabalhos de investigação no concelho de Meda, com base em escritos do Professor Adriano Vasco Rodrigues (2004) e em trabalhos seus de prospecção e mesmo de escavação. Conforme se pode verificar no mapa da figura 15, o território envolvente da *Civitas Aravorum* (lugar da Devesa em Marialva) pode englobar alguns *vici* de significativa importância.

Por cima do Largo do Negrilho, mesmo junto ao antigo Largo da feira (Devesa, Marialva)

descobriu ou referenciou o autor uma grande base de coluna, provavelmente utilizada no *forum* e ainda três grandes fustes e um capitel em granito. No interior do edifício, vestígios muito bem conservados do que teria sido o *podium* de um templo dedicado a Júpiter. Foi ali realizada uma intervenção arqueológica de emergência, com recolhas de dezenas de fragmentos de cerâmica sigilata (importada da Gália e de outros pontos do Império). Os muitos materiais romanos que se encontram em praticamente todas as casas do lugar da Devesa, deveriam ser recolhidos e recheiar o tal edifício do templo romano, ali nascendo um núcleo museológico dedicado à “memória da *civitas Aravorum*”. Também, em toda a zona até à ribeira, deveriam ser feitas sondagens com o objectivo de inventariar a provável malha urbana da *civitas*.

Sobre a malha urbana das *civitates* desta região, Sá Coixão (2004b: 83) cita: “... ao contrário do que acontece hoje, as civitates não seriam na época catalizadoras de grandes concentrações urbanas. No Baixo Côa, essencialmente nas áreas dos concelhos de Vila Nova de Foz Côa e Meda, a população estaria muito dispersa, agrupada em *vici*, aldeias, *castella*, *villae* e granjas, com os seus recursos próprios, as suas próprias divindades. Ao longo da Idade Média, esses aglomerados continuarão a existir, agora com um “Templo Cristão”, enterramentos nos recintos sagrados (...)”

A atestar estas afirmações, o facto de as escavações realizadas por Helena Frade na área da Torre de Almofala, terem revelado uma urbe muito pequena, talvez o suficiente apenas para albergar os funcionários administrativos e judiciais que fariam, a partir da *Civitas Cobelcorum*, a gestão da área e dos muitos lugares e lugarejos que proliferariam então. Também na *Civitas Aravorum* se identifica um conjunto significativo de vestígios nos terrenos da margem direita da ribeira, que não seriam mais do que *villae* ou casais, onde o lagar, as mós e outros elementos nos levam até a uma produção agrícola para sustento das gentes da urbe. Ainda na área do actual concelho de Meda, gravitando certamente em torno da *Civitas Aravorum*, teremos alguns *vici*. O vale de Longroiva (topónimo Coutada) apresenta, nas margens direita e esquerda da ribeira, um elevado conjunto de vestígios, onde sobressaem elementos decorativos como bases, capitéis e fustes de colunas. Na margem direita, numa grande extensão muitos materiais de construção. Associamos este sítio às prováveis minas de chumbo dos Areais. Assim, a par da riqueza mineira, a riqueza agrícola de todo aquele vale, a simbiose perfeita para catalizar e fixar gente, desde senhores a escravos, de mineiros a agricultores e artistas. Uma via romana passaria neste lugar, no sentido este-oeste, vinda do Côa.

Não muito longe da sede do concelho, a referência ao Vale da Aldeia. Ali foram recolhidas moedas, uma estatueta de bronze, duas aras epigrafadas, pesos de tear, mós, tijolos... Quem visita o local, vê terras removidas para plantio de vinhas, mas cheira ainda a presença milenar naquele espaço. Um fragmento de ara onde ainda se pode ler *Laribus* e uma outra (provavelmente vinda deste sítio) que é uma dedicatória de *Sabinus Calvi a Bandi Vordeaicvi*. Um pouco mais distante, já em território do Castro de S. Jurge (termo da freguesia de Ranhados) um sítio com imensos vestígios cujo topónimo é Fonte Arcada ou Fonte Arcadinha, ainda com a Capela de S. Pedro. Aqui terá existido um *vicus* e depois uma aldeia na Alta Idade Média. Nas fraldas do monte do Castro de S. Jurge, terá existido um *vicus* ou apenas uma *villa*? Nas sondagens efectuadas pelo signatário, no ano de 2003, entre os muitos milhares de materiais das 1ª e 2ª Idades do Ferro, o registo e exumação de duas moedas de 31 a. C., fíbulas em bronze, cerâmicas finas e comuns, atribuíveis aos primeiros anos de ocupação romana.

Para sul da *civitas Aravorum*, três sítios muito próximos uns dos outros: S. Sebastião, no Rabaçal; Quinta do Campo e Vale do Mouro, no termo da Coriscada.

No Rabaçal, em volta da Capela de S. Sebastião são notórios os vestígios de muitos materiais romanos mas também de sepulturas cavadas na rocha. Poderão indiciar a existência, em tempos idos, de um *vicus* e depois de uma aldeia medieval.

A Quinta do Campo, antes da descoberta do sítio Vale do Mouro, foi referenciada por Patrício Curado (1985) e Sabino Perestrelo (2003) como sendo um provável *vicus* e até a zona de proveniência da chamada “ara da Coriscada” onde se faz uma dedicatória a Júpiter pelos *vicani Sangoabienses*. Ali, na Quinta do Campo, se registam muitos materiais e uma eira que tem sido interpretada como a base de assentamento do *podium* de um templo. No entanto, sem qualquer sondagem efectuada, nem outros dados fiáveis, a referência a um Templo e a um *vicus* não tem, para já, sustentabilidade.

Importante começa a ser o sítio do Vale do Mouro. Ainda com estruturas mais ou menos bem conservadas, escavações ali realizadas desde o ano de 2003, puseram já a descoberto um balneário com o seu hipocausto, *caldarium*, *frigidarium*, piscina, latrinas, *furnarium*, condutas de água e esgotos. No ano de 2006 foi posto a descoberto o corredor que dava acesso ou fazia a ligação de uma casa senhorial com o citado balneário. Uma sala aquecida com uma lareira e um “braseiro” central foi posta a descoberto numa zona mais a norte (Sector V). Mas a grande descoberta do ano de 2006 foi sem dúvida a de um *cubiculum* (quarto) com revestimento a mosaico policromo, com diversas cores e um painel central contendo as figuras de Baco e da sua Bacante. Um outro *cubiculum* começou a ser escavado e já foi possível registar mais mosaicos agora com figuras geométricas em losangos (as do anterior têm formas circulares).

Desde sempre o signatário ali referenciou a provável proveniência da “ara da Coriscada” e também sempre apontou a pujança do sítio (no período romano, século III e IV d. C.) tendo por base a mineração (extração do estanho e provavelmente do denominado ouro quartzítico) associada a uma agricultura rentável onde sobressairiam as culturas do vinho, dos cereais e do azeite.

Encontrando-se em execução a elaboração da Carta Arqueológica do concelho de Meda, futuros trabalhos de prospecção poderão levar-nos a referenciar outros sítios, essencialmente na zona oeste do concelho (até agora o menos bem prospectado).

A área do concelho de Vila Nova de Foz Côa, a mais bem prospectada em termos arqueológicos em toda a região do Baixo Côa, tem tido desde os anos oitenta do século XX diversas equipas especializadas em diversos períodos, acabando por beneficiar com a criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa, essencialmente no estudo da arte rupestre paleolítica e escavações (sondagens) em diversos pontos do vale.

A ocupação no período romano, essencialmente entre os séculos I e IV d. C., foi mesmo muito forte, privilegiando as zonas e solos graníticos. São disso exemplo os muitos vestígios de sítios nas manchas graníticas de Freixo de Numão e Numão e ainda, embora com menor pujança nas zonas graníticas de Almendra, Chãs e Santa Comba. Nas zonas xistosas a apetência foi menor. Os solos graníticos forneciam matéria-prima para a construção, muitas e boas nascentes de água, mais e diversificada floresta, mais caça, melhores solos agrícolas e, importante, maior possibilidade de se encontrarem jazidas de diversos metais apetecidos como o estanho, o chumbo, o ouro e o ferro.

A área urbana de Freixo de Numão é porventura a mais bem estudada da região. A existência de uma Associação vocacionada para o Património, a existência de equipas de investigação de diversos períodos, a obrigatoriedade de intervenções arqueológicas antes das obras de construção ou reconstrução, têm levado a referenciar uma malha urbana no Baixo Império muito semelhante à actual (na denominada zona histórica). Também a existência de um Museu de arqueologia (Museu da Casa Grande) tem sido mobilizadora no que diz respeito aos

estudos, aos tratamentos e aos inventários.

O signatário defende, no Largo da Praça da vila de Freixo de Numão, com nítidos vestígios urbanísticos romanos, a existência de um “Fórum Augustano” (tal como na Devesa, Marialva), com um templo no mesmo local onde se encontra hoje a Igreja Matriz (uma ara foi retirada de uma parede da Igreja e fragmentos de outras encontrar-se-ão nas paredes do altar-mor). De igual modo a malha de vias (ruas) que desembocam no Largo da Praça segue os cânones das normas e tratados dos arquitectos romanos (Maciel, 2006).

De igual modo, a área urbana de Numão, essencialmente na zona a sul da Igreja Matriz, é igualmente forte em vestígios da ocupação romana, não falando no conjunto de inscrições rupestres que se encontram no seu termo. Perante esta similitude entre os dois sítios, não nos resta outra solução senão deixar instalada a dúvida ou incerteza quanto à localização da provável *Civitas Meidubrigenses* (ou outra qualquer?!).

Também a zona onde se encontra instalado o Castelo (em Numão) apresenta fortes vestígios de ocupação romana. A colecção de moedas romanas do falecido médico, Dr. João Gouveia, é constituída na sua maioria por numismas dos séculos I a. C. e d. C. Essas moedas, segundo informações de gente mais idosa, teriam vindo da zona do Castelo. Como o Dr. João Gouveia pagava bem a quem lhe fosse entregar uma moeda ou um machado de pedra polida (ou outro qualquer objecto arqueológico), as pessoas andavam na zona do Castelo a cavar à busca dessas preciosidades.

Pode, pois, ter acontecido uma primeira ocupação nos altos (zona do Castelo) durante a época Alto-Imperial e depois, nos séculos III e IV d. C., o núcleo urbano ou se transfere ou se espalha para a zona baixa e plana.

Impressionante é o número de sítios (*villae*, casais e herdades) que foram registados (e alguns estudados) no termo da vila de Freixo de Numão. Pelo menos as *villae* do Prazo, Rumansil I, Zimbro I e II e muitos casais nas zonas da Vendada e Vale de S. Joana.

Por outro lado, em muitas das actuais aldeias, registámos vestígios que podem indiciar a existência de antigas *vici* e/ou aldeias medievais. Estamos pois em crer que nas localidades de Seixas do Douro (Quinta do Vale), de Mós do Douro, Sebadelhe, Cedovim, Vila Nova de Foz Côa, Muxagata, Chãs (zona das Quintas), Castelo Melhor e Almendra, além de povoamentos durante a Idade do Ferro, teremos vici romanos e depois aldeias medievais (fig. 15). Em Vila Nova de Foz Côa poderemos mesmo ter duas aldeias romanas muito próximas: uma na zona do Castelo (Paço) e outra no sítio do Azinhate.

Mas não se ficam por aqui os vestígios. Outros sítios com menos potencial de restos arqueológicos existem um pouco por todo o concelho. Na sua grande maioria serão herdades e casais, aos quais se encontra por vezes associado o lagar cavado na rocha.

A esta malha intensa de sítios diversificados encontra-se associada uma rede viária significativa no período de ocupação romana. Por exemplo a via que vem de Numão até Freixo de Numão (passando a ribeira Teja) e depois segue para o rio Douro, tem vários lugares com ocupação (*villae* e casais) ao longo do seu percurso, bem como uma *mutatio* e uma ferraria no lugar das Regadas, já perto de Freixo de Numão. Essa via bifurcava em Murça do Douro, no lugar da Capela de Nossa Senhora da Esperança, onde recebia a via secundária do Rumansil. Depois, passados cerca de 1.000 metros, no sítio do chão do Cláudio bifurcava para o Douro e para Mós do Douro.

Também uma importante via vinda de Marialva atravessa toda a zona da margem direita da ribeira do Vale de Longroiva e ia até Muxagata, depois a Foz Côa e, pelo Vale descia até ao Douro (na zona de Cortes da Veiga). Teríamos ainda várias vias transversais que cruzavam o rio Côa de este para oeste e tem troços visíveis a partir de Chãs, de Santa Comba, da Coriscada (pela ribeira do Massueime), da Quinta de Santa Maria, na Penascosa e uma outra

que descia do Orgal até Foz Côa. Troços de uma outra via que ligaria a zona de Ranhados a Numão, passando por Cedovim, são ainda visíveis.

De notar que esta ocupação intensa pelos romanos na região não percorre todo o horizonte cronológico da era imperial. Os sítios até hoje escavados e estudados essencialmente nos concelhos de Foz Côa e Meda, apresentam-nos uma ocupação (ou duas ocupações) nos séculos III e IV da nossa era, representativas de um grande dinamismo económico naquele período tardo-imperial. A que se terá devido? Talvez a uma maior divisão da propriedade por escravos libertos, talvez a uma reanimação da actividade mineira, a uma quase certa revitalização da agricultura, essencialmente da vinha, sendo disso exemplo dezenas de lagares e lagaretas espalhados por toda a região.

Sobre as *villae* do século IV, refere Jorge de Alarcão (2003) “a riqueza destas *villae* desmente também qualquer suposta decadência económica do século IV [d. C.], por grandes que possam ter sido as dificuldades financeiras aos vários níveis da administração pública.

Também a riqueza das *villae* não exclui a possibilidade de se terem acentuado no século IV as distâncias entre os abastados e os apenas remediados ou mesmo pobres e de se terem gerado tensões sociais responsáveis pelos movimentos dos *bagundae*. Não podemos ainda deixar de ponderar a hipótese de algumas das *villae* terem sido construídas e decoradas com um luxo não alicerçado em fortunas suficientemente sólidas, isto é, um tanto acima das reais posses dos seus proprietários”.

Esta análise do Professor Alarcão assentará que nem uma luva ao sítio do Vale do Mouro (Coriscada) onde a riqueza exterior que é apresentada não recebeu ainda explicação.

Em suma, poderemos afirmar que foi já percorrido um longo caminho na investigação das ocupações Proto-Histórica e Romana no Baixo Côa. Há no entanto muito mais caminho a percorrer se não faltar o ânimo, investigadores que se apaixonem pela causa, apoios financeiros e logísticos por parte do poder central e local.

Apresentam-se de seguida os Quadros I, II e III onde se tenta estabelecer cronologias, continuidades e descontinuidades, não de todos mas dos sítios mais significativos.

Sítio	Neolítico	Calcolítico	Idade do Bronze	Idade do Ferro	Período Romano	Alta Idade Média
Castelo de Numão		X	X	X	X	X
Castelo (Freixo de Numão)		X	X	X	X	X
Praço (Freixo de Numão)		X	X	?	X	X
Castelo Velho (Freixo de Numão)	X	X	X			
Castelo Velho do Monte Meio			X	X	X	
Castelo Velho de Seixas			X	X		
Castelo Velho de Chãs			X	X		
Castanheiro Do Vento (Horta)		X	X	?		
Calábria (Almendra)			?	X	X	X
Castelo (Vila Nova de Foz Côa)			?	X	X	
Castelo Velho de Meda		X	X	X		
Castelo de Marialva		X	X	X		X
Castelo de Longroiva		?	?	X	X	X
Montes (Fontelonga)		X	X	?		
Santo André (Almofala)			?	X	X	
Castelo (Cidadelhe)		X	X	X	?	
Castro de S. Jurge (Ranhados)		X	X	X	X	
Castelos de Seixas		?	X	X		
Castelos de Santa Comba		X	X	?		
Castelos (Marialva)		X	X	?		
Serra da Marofa (F. C. Rodrigo)			?	X	X	
Castelo Velho (Santa Comba)		?	X	X		
Citânia da Teja (Numão)		X	X			

quadro I Cronologia de ocupação de alguns sítios (Baixo Côa), do Neolítico à Baixa Idade Média.

Sítio	Proto-História	Período Romano
Castelo de Numão	X	X
Castelo de Castelo Melhor	?	X
Castelo (Mós do Douro)	?	X
Castelo (Seixas do Douro)	?	X
Castelo (Freixo de Numão)	X	X
Castelo (Sebadelhe)	?	X
Castelo (Cedovim)	X	X
Castelo (Muxagata)	X	X
Castelo Velho do Monte Meão	X	X
Castro de S. Jurge (Ranhados)	X	X
Castelo de Longroiva	X	X
Santo André (Almofala)	X	X
Castelo (Cidadelhe)	X	X
Senhora do Castelo (Urros)	X	X
Serra da Marofa (Figueira C. Rodrigo)	X	X
Castelo (Vila Nova de Foz Côa)	X	X

quadro II Alguns sítios com ocupações proto-histórica (confirmada ou provável) e romana.

Sítio	Período Romano	Idade Média
Castelo de Numão	X	X
Castelo de Castelo Melhor	X	X
Castelo (Mós do Douro)	X	X
Castelo (Freixo de Numão)	X	X
Castelo (Longroiva)	X	X
Castelo (Vila Nova de Foz Côa)	X	X
Praço (Freixo de Numão)	X	X
Muimentos (Fontelonga, Meda)	X	X
Vale das Mós (Freixo de Numão, Touça)	X	X
Azinhate (Vila Nova de Foz Côa)	X	X
Ervamoira (Muxagata)	X	X
Reguengo / Senhora DA Veiga (V. N. Foz Côa)	X	X
S. Sebastião (Rabaçal)	X	X
Devesa (Marialva, Meda)	X	X
Vale D'el Rei (Barreira)	X	X
Torre de Almofala (Figueira C. Rodrigo)	X	X
Castelo (Cidadelhe)	X	X
Castelo (Muxagata)	X	X

quadro III Alguns dos sítios com ocupações no Período Romano e nas Alta e Baixa Idade Média.

figuras

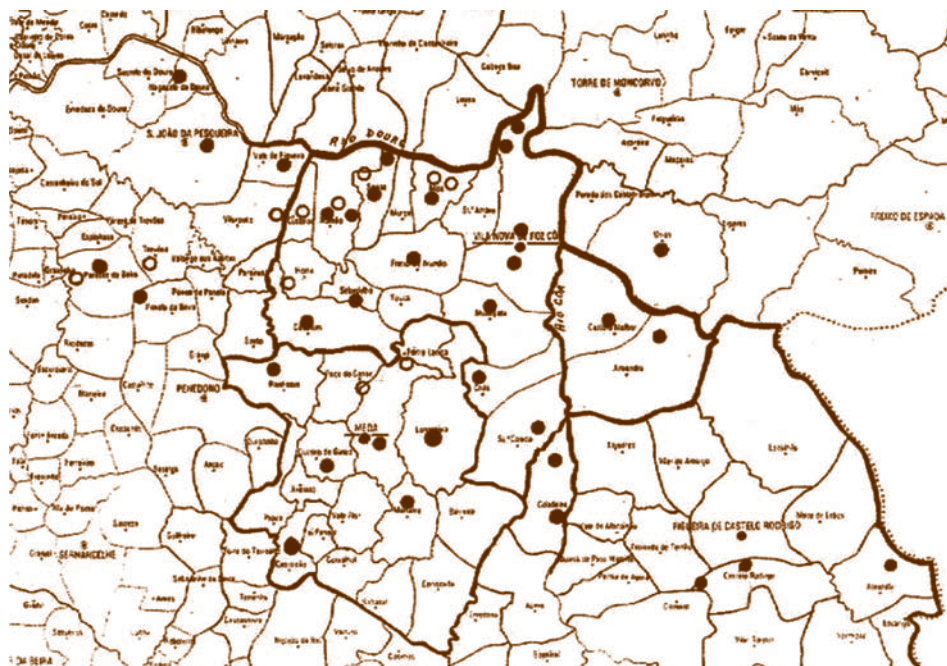


fig. 1 Sítios com ocupação Pré e Proto-histórica na região Baixo Côa.



fig. 2 Arte do Côa. Cavaleiro da Idade do Ferro (sítio da Vermelha).



fig. 3 Localização do Monte do Castelo ou Calábria.



fig. 4 Troço de muralha do Monte do Castelo.



fig. 5 Localização do Castro de S. Jurge (Ranhados).



fig. 6 Campanha arqueológica de 2003 no Castro de S. Jurge (Ranhados)

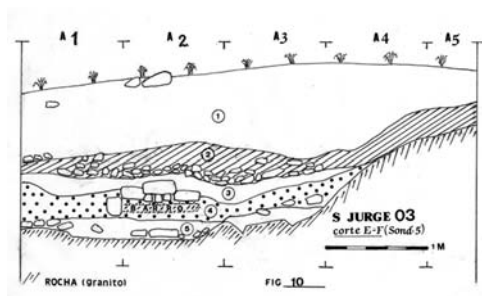


fig. 7 Corte E-F da sondagem 5 (S. Jurge, 2003).



fig. 8 Sondagem 5 (S. Jurge, 2003).



fig. 9 Sítio dos Castelos (Seixas do Douro).



fig. 10 Pedrame arrumado em muros de socalcos no Castelo Velho de Seixas.

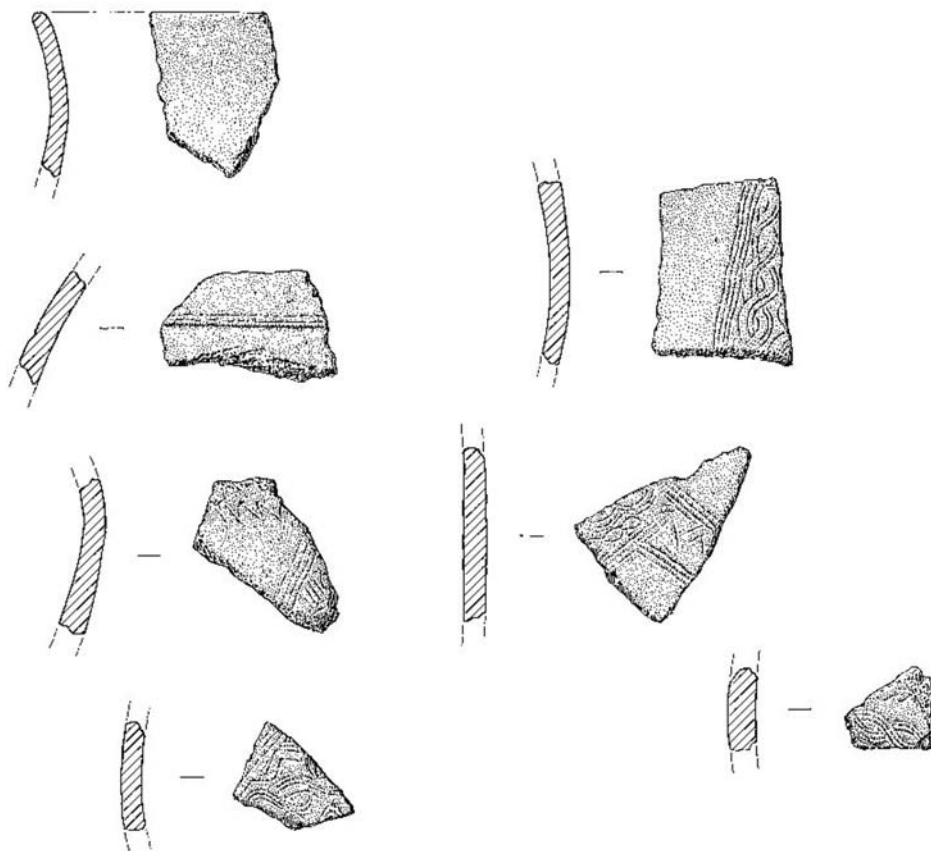


fig. 11 Cerâmicas decoradas da Proto-história do sítio de Castelo Velho (Seixas do Douro).



fig. 12 Localização do Castelo Velho do Monte Meão (Vila Nova de Foz Côa). Enquadramento com o rio Douro.



fig. 13 Restos de muralha do Castelo Velho do Monte Meão.

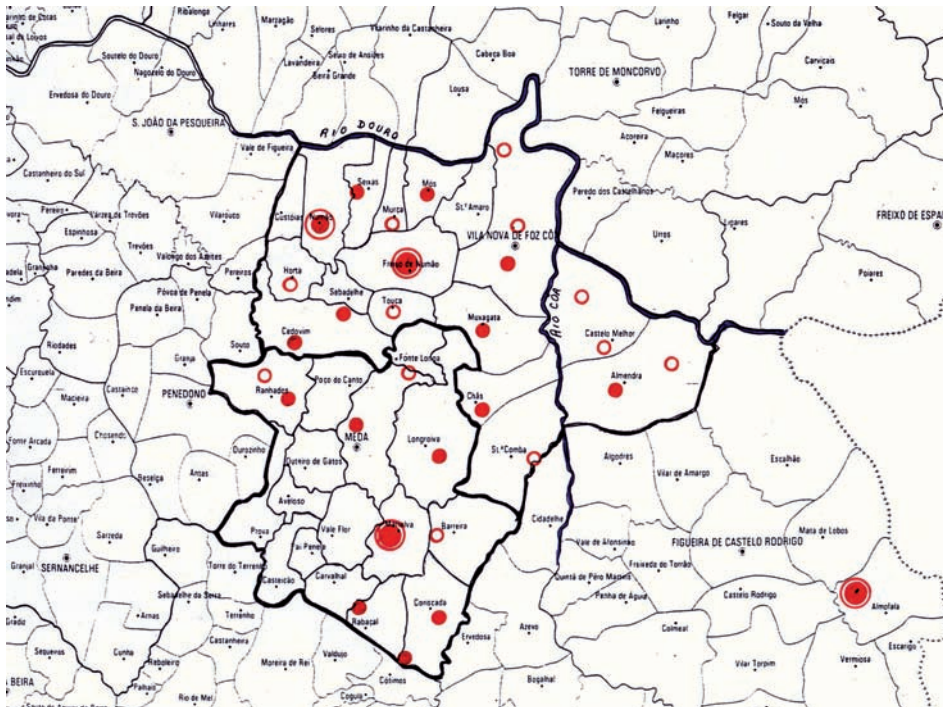


fig. 14 Vestígios de sítios com ocupação romana. *Vici e Civitates*.



fig. 15 Via romana do lugar das Regadas em Freixo de Numão.

fig. 16 Restos de uma ferraria na via romana do lugar das Regadas.



fig. 17 Via romana do lugar das Regadas.

fig. 18 Lagar de vinho (cavado na rocha).
Rumansil I (Murça do Douro, Vila Nova de Foz Côa).



fig. 19 Encaixes talhados na rocha para encosto dos dolia (Rumansil I).



fig. 20 Pio de recepção do vinho mosto (Rumansil I).



fig. 21 Forno de cozer cerâmica (Forno 2)
(Rumansil I).



fig. 22 Forno de cozer cerâmica (Forno 1)
(Rumansil I).





fig. 23 Interior do Forno 2 (Rumansil I).



fig. 24 Forno 3 (numa primeira fase de ocupação) (Rumansil I).

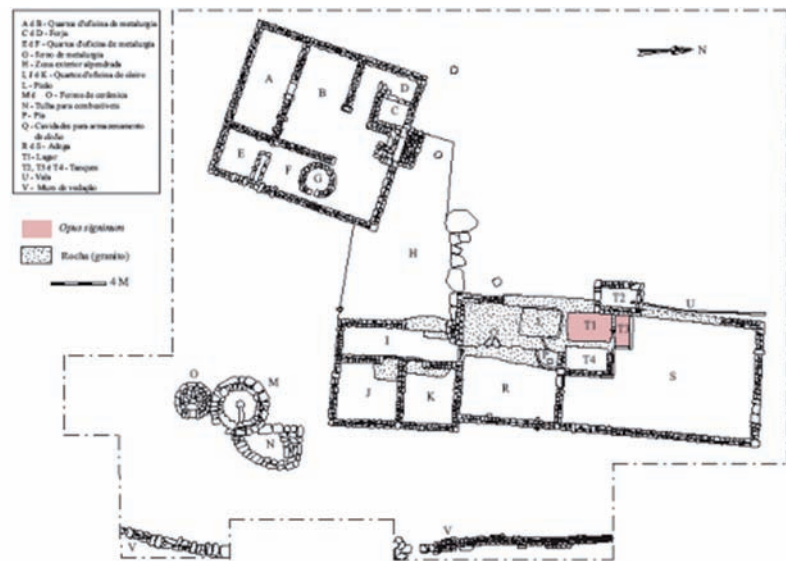


fig. 25 Rumansil I. Planta geral dos vestígios.



fig. 26 Vista geral da villa romana do Prazo (Freixo de Numão).



fig. 27 Planta geral das ruínas arqueológicas do sítio do Prazo.



fig. 28 Villa romana do Prazo (Freixo de Numão). Vista aérea.



fig. 29 Pormenor do menir do Prazo.

I – ARA DE NUMÃO



Ara votiva que serviu durante muitos anos de pia de água benta na igreja matriz de Numão, tendo-se, por isso, deteriorado o campo epigráfico. Desconhece-se a sua exacta proveniência.

TI (berius) · CLAVDIVS
SANECIVS · EQ(ues)
CHO(o)R(tis) · III (tertia) · LVS
ITANORVM
DIS · DEABVSQ(ue)
CONIVMBRIC(ensibus) ·
[V(otum) · S(olvit) · L(ibens) · M(erito)]

Tito Cláudio Sanécio, Cavaleiro da III Coorte dos Lusitanos, cumpriu o voto, por mérito e de boa vontade, aos deuses e deusas de Coniúmbrega

COMENTÁRIO

Coniúmbrega, topónimo que lembra Conimbriga (cidade com que, aliás, se tem identificado), poderá ser o nome do aglomerado populacional que existiu em Numão, onde, como se sabe, abundam os vestígios dessas remotas eras.



fig. 30 Ara de Numão

fig. 31 Ara anepígrafa referenciada no interior do Castelo de Numão.



Inscrição rupestre identificada no sítio do Conde, junto à ribeira Teja.

ANTIRVS PO[S]VIT HE(rculi)?
SINE FVRTV(O?)RACVLO

Antiro colocou a Hércules, por meio de oráculo, sem furto

fig. 32 Inscrição rupestre I do sítio do Conde (Numão).



No termo da freguesia de Numão, concelho de Vila Nova de Foz Côa, numa superfície de fractura de um afloramento granítico, junto do antigo caminho que dava acesso ao cabeço onde hoje se situa o castelo medieval de Numão, foi gravada esta memória, sem qualquer preparação prévia do suporte.

AS(s)ANIANC(enses) · VIA(m)
FECERVNT

Os As(a)niane(enses) construíram a estrada

fig. 33 Inscrição rupestre do Areal (Numão)

Parece que o texto quer significar o agradecimento ou o pedido feito a Hércules, após consulta de oráculo, por Antiro ali ter passado sem os ladrões o incomodarem.

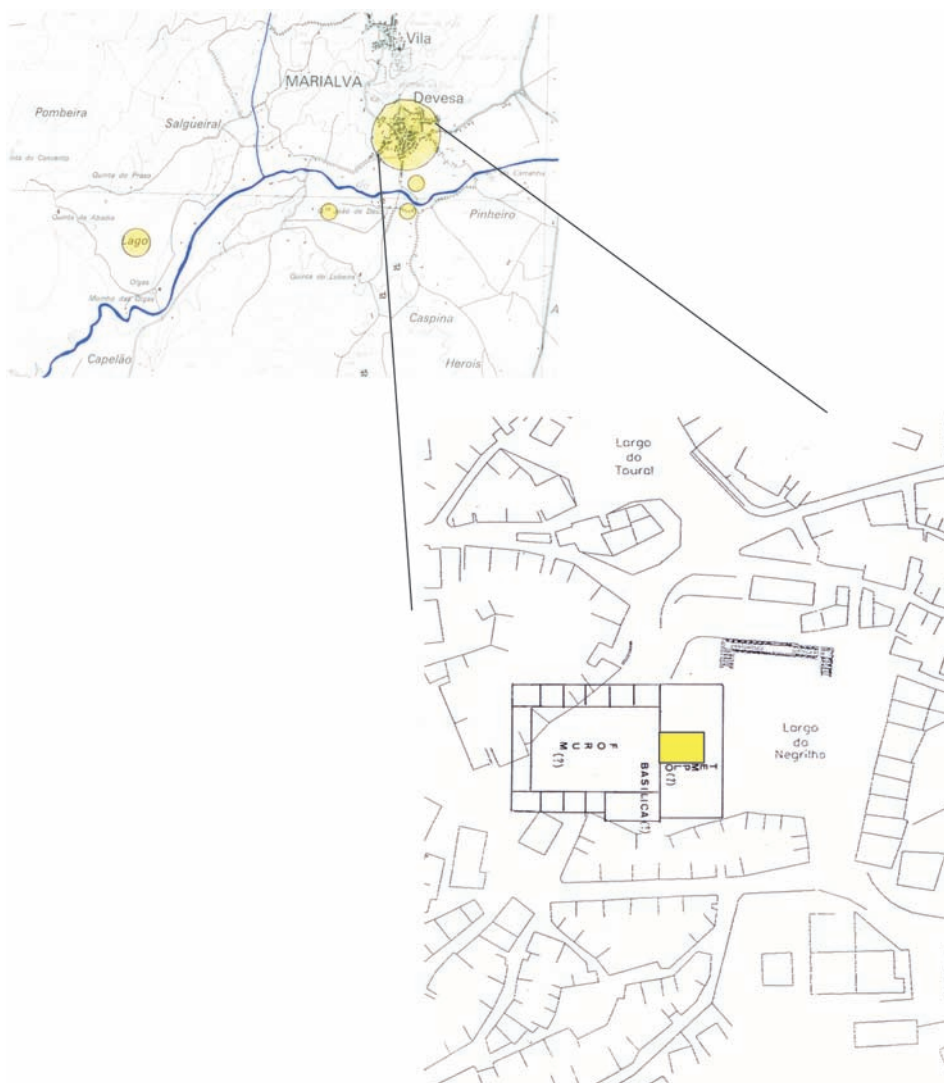


fig. 34 Povoação da Devesa (Marialva), prováveis localizações de um Templo e do Forum da Civitas Aravorum.



fig. 35 Edifício e logradouro em Marialva (lugar da Devesa) onde poderá estar implantado um provável templo romano dedicado a Júpiter.

fig. 36 Campanha arqueológica no ano de 2004 no exterior do provável templo.



fig. 37 Pormenor da cornija do provável templo romano.



fig. 38 Lápide erguida em memória de Parameco (Marialva).



fig. 39 Lápide dedicada ao Imperador César Trajano Hadriano Augusto Marialva.

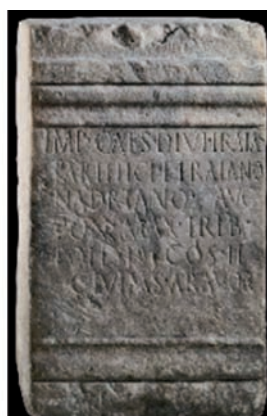


fig. 40 Fragmento de uma inscrição numa das paredes da Capela de N. Sra. dos Remédios Marialva.





fig. 41 Ruínas da Torre de Almofala, Figueira de Castelo Rodrigo (provável templo romano).

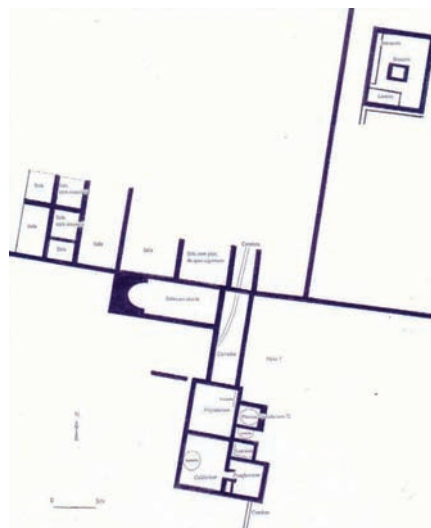


fig. 42 Inscrição monumental da Civitas Cobelcorum.

fig. 43 Vale do Mouro ou Gravato (Coriscada, 2006).



fig. 44 Pormenor de vestígios do hipocausto do Balneário.



fig. 45 Pormenor de vestígios do hipocausto do Balneário.



fig. 46 Ara dedicada a Júpiter pelos Vicani Sangoabonienses.



fig. 47 Pormenor da figura de Baco no mosaico do Vale do Mouro (Coriscada).



fig. 48 Pormenor da figura da Ménade no mosaico do Vale do Mouro (Coriscada).



fig. 49 Pormenor dos motivos geométricos no mosaico do Vale do Mouro (Coriscada).

bibliografia

- ALARCÃO, J. de (1988) – *O domínio Romano em Portugal*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- ALARCÃO, J. de (2003) – Prefácio. In OLIVEIRA, C. F. de – *A villa romana de Rio Maior: Estudo dos mosaicos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 31), p. 9-10.
- ALARCÃO, J. de (2005) – Povoações Romanas da Beira Transmontana e do Alto Douro. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7, p. 9-18.
- ALMEIDA, C. A. B., coord. (2006) – *História do Douro e do vinho do Porto: História da antiga região Duriense*. Vol. 1. Porto: Edições Afrontamento.
- CABRAL, A. A. D. (1961) – Castelo Rodrigo: Subsídios para a sua história. *Beira Alta*. Viseu. 20.
- CARVALHO, P. C. (2006) – *Cova da Beira: Ocupação e exploração do território na época romana*. [Dissertação de doutoramento, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].
- COIXÃO, A. N. S. (2000) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- COIXÃO, A. N. S. (2004a) – Intervenção arqueológica de emergência no Adro da Igreja Matriz de Almendra: Primeiros resultados. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 6, p. 75-82.
- COIXÃO, A. N. S. (2004b) – Alguns subsídios para o estudo da Romanização na área do concelho de Meda. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 6, p. 83-96.

COIXÃO, A. N. S.; ENCARNAÇÃO, J. d' (1998) – *Foz Côa romana: Notas epigráficas*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

CURADO, F. P. (1985) – Ara votiva da Coriscada: Meda. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra 11, nº. 45.

HIPÓLITO, M. de C. (1960-61) – Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. *Conímbriga*. Coimbra. 2-3, p. 56-57.

MACIEL, M. J., tradução, introdução e notas (2006) – *Vitrúvio: Tratados de Arquitectura*. Lisboa: IST Press.

MAIA, M. (1977) – Vilas romanas do território intermaniense. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3ª série. 7-9, p. 209-212

OLIVEIRA, C. F. (2003) – *A villa romana de Rio Maior: Estudo dos mosaicos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 31).

PERESTRELO, M. S. G. (2003) – *A Romanização na Bacia do Côa*. [S.l.]: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

RODRIGUES, A. V. (1965) – O templo romano de Almofala. *Beira Alta*. Viseu. 24: 4, p. 433-435.

RODRIGUES, A. V. (2004) – *Por Terras da Meda*. Meda: Câmara Municipal da Meda.